



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

Provas de amizade



- Mim ir mandar embaixador a vossemecê.
- Obrigado, mas prefiro carvão. Lá mandarei tambem um embaixadorr. . .
- Obrigada, mas mim preferir batatas. Oh! yes!



PALESTRA AMENA

Para a cêra

Não, senhores: não damos nada para a cêra de Santo Antonio, de S. João ou de S. Pedro. Primeiro, já o outro dizia, que os santos podem muito bem trabalhar de dia, dispensando a luz das velas, depois, o preço da cêra é atualmente que não acreditamos que o mais feliz garoto dos que para ela pedem possa vir a angariar o suficiente para comprar o minimo coto.

E podiamos ainda aduzir outras razões, para justificar o nosso retraimento. Se o dinheiro nos não chega nem para o pão nosso de cada dia—com uma familia de cinco pessoas, imaginem!—como ha-de chegar para favorecer um santo a quem não devemos favores de qualidade nenhum? Estamos convencidos de que para com Santo Antonio, por exemplo, não estamos em dívida. Se a alguém devemos certa interferencia no nosso casamento não é a ele mas sim a uma criatura velha que nos levava as cartas á namorada. Quanto a S. João recorda-nos que em pequenos, ao saltar uma fogueira na noite que lhe é consagrada, queimamos os fundilhos d'uns caçõs, o que nos valeu uma duzia de bem puchados e não merecidos açotes. S. Pedro há-de abrir-nos as portas do ceu? Ora adeus! Com a vida que levamos, sem a menor paciencia para suportarmos as injurias, praguejando a todo o instante contra a porca da vida, tratando o nosso semelhante como de modo algum desejaríamos que ele nos tratasse, vamos para o inferno tão certo como dois e dois serem quatro.

Deois, a gaiatada atraz de nós pela rua fora incomoda-nos, aborrece-nos, faz-nos mal aos nervos; e lá vem um puxão no casaco, um roçar de mãos sujas pelas calças, uma lamuria embirrenta e a lingua de fora se a esportula se demora, a sua pedrada se ela se recusa definitivamente.

De maneira, que não damos nada para a cera dos santos do mez, mas não condenamos a usança. E' portugueza e como tal merece conservar-se, pelo menos emquanto não aparecer coisa que com vantagem a substitua, visto que demolir apenas sem construir melhor é, pelo menos, inutil; e é tambem um modo de pedir sem confessar a fome que em geral ha nas casas dos pequenos que pedem para a cera. Não poucas vezes o giroto lamuriante recia uma lição da mãe que tem vergonha de que o filho peça dezreisinhos para matar a fome. Assim, é um eufemismo desculpavel o dizer-se que é para a cera d'um santo o que afinal é para encher o estomago d'um irmãozinho ou o proprio, e até muito mais desculpavel do que o fazer-se o contrario, isto é, o pedir-se dinheiro para matar a fome quando afinal é para a cera, como todos os dias acontece com pessoas graudas, que em vez de levar para casa

a subvenção a gastam nos touros, nos animatografos, na taberna...

E por aqui nos ficamos, porque já estamos a entrar por mau caminho.

J. Neutral.

A epidemia hespanhola

Os senhores devem estar lembrados da peste bubonica do Porto, que assustou todo o paiz, posto que os casos fatais fossem em pouco numero.

O susto, porém foi grande: como dizemos, os periodicos publicaram milhares de artigos a proposito—e na imprensa hespanhola appareceu então a seguinte quadra trocista:

*Es de las pestes bubónicas
La peor que se conoce:
De cada diez muere en doce
(Segun se cuenta en las cónicas).*



Tem graça não ha duvida, mas muito mais graça tem agora os nossos visinhos com a sua epidemia que, felizmente, ainda não matou ninguém mas que os traz cheios de medo: fecham-se escolas, immobilizam-se regimentos, adiam-se romarias, suspendem-se espectaculos, etc. logo que aponta uma dorsita de barriga, que passaria com um simples clister de agua morna.

*Não ha no mundo maleita
Mais temivel e minaz,
Não pelas mortes que faz
Mas pelo cheiro que deita.*

DE FÓRA

Para os cravos

I

Era bom que as nossas bodas
Caisser no S. João;
Com as nossas cartas todas
Já se fazia um balão.

II

Meu amor pediu-me a graça
D'um cravo de côr escura
E eu mandei-lhe, por pirraça,
Um cravo de ferradura.

BRAMÃO DE ALMEIDA.

I

O cravo que te ofereço
Nem me custou um centavo,
Mas eu dava todo o preço
Para ser o pé do cravo.

II

Dei-te um cravo de luar
Logo ficou carmesim;
Não sei que tem o teu peito
Que ficam todos assim,

R. DE A.

Livros, Livrinhos e Livrecos

Castelos no ar, lendas e contos portuguezes, por D. Emilia de Sousa Costa.—Novamente traz esta senhora a publico uma obra de muito merito, destinada ás crianças, divertindo-as e instruindo-as ao mesmo tempo.

Recomenda-se por tudo e principalmente por ser portugueza, como a autora acentua, tendo adaptado alguns dos contos e lendas cosmopolitas ao nosso ambiente, de modo que a criança vá, pelas leituras, criando amor á nossa terra. Bem haja a sr.^a D. Emilia de Sousa Costa.

Está na ultima

A mais recente mania do kaiser é afirmar a toda a gente que não quer ir a Calais nem a Paris. De manhã entra o criado no quarto para o vestir; dispara-lhe logo esta:

—Olha que eu não quero ir a Calais nem a Paris!

De ai a bocado, um camarista:

—Vossa magestade quer ir almoçar?

—O que eu não quero é ir a Calais nem a Paris!

Começa o expediente. Grita para um official:

—Telegrafe imediatamente ao meu aliado da Austria dizendo que não quero ir a Calais nem a Paris.

Anunciam o ministro da Turquia e este não tem tempo de expôr ao que vai:

—Fique sabendo e diga ao sultão que eu não quero ir a Calais nem a Paris.

O kromprinz aproxima-se:

—Que me desejas?



«Olha que eu não quero ir a Calais nem a Paris.

A esposa tenta socega-lo:

—O' filho: vamos dar um passeio?

Ele, apopletico:

—Pois sim, mas não a Calais nem a Paris!

E assim, até á hora de recolher ao quarto, em que pergunta ao seu particular:

—O meu exercito já chegou a Calais?

—Não, meu senhor.

—E a Paris?

—Tambem não.

Então, mete-se na cama, e cabeceando com o sono, ainda balbucia, entre bocejos:

—Não quero... ir... a Calais... nem... a Paris!



AVES

Aventando a idéa de se criarem grandes galinheiros nos arredores de Lisboa, o nosso mano mais novo (O *Seculo*, edição noturna) revela que em 1916 só na Praça da Figueira entraram perto de 60:000 canastras contendo um milhão e seiscentas mil aves o que dá uma venda diaria de perto de 4:500 aves.

Já o leitor fica sabendo quan'o de aves come por dia; divida 4:500 por 500:000, que é o numero de habitantes de Lisboa, e concluirá que se lambe quotidianamente com uma pena de frango, pelo menos.

"Tiberio, filosofo e moralista"

O terrível cinico Albino Forjaz de Sampaio escandalizou novamente o burguez com um livro do titulo acima: Tiberio é advogado dos paradoxos mais arrojados, Tiberio demonstra que o pessimismo é excelente, que a carta anonima é um mimo, as feias bonitas, o roubo uma boa ação, a geografia uma treta, os amigos uma peste, etc.

E como, por tudo isto e muito mais, Tiberio, filosofo e moralista é uma raridade, não incluiremos a noticia da obra na nossa habitual secção bibliografica, pois que não é livro, nem livrinho, nem livreco: é uma excentricidade de que o leitor só pode fazer idéa pela transcriçao, pelo que aí vai um trecho do *Elogio*, a paginas 23:

«E Tiberio, batendo-me no hombro amigavelmente, continuava:—Sim, meu caro amigo: o elogio, o bom, o autentico, deve ser feito pelo proprio. E' mais sentido, mais entusiastico, mais sincero. Ora suponha que eu escrevo um livro: quem mais competente e mais sabedor do que eu proprio? quem compreente melhor as belezas da obra, como ela vibra, como ela ri ou se entenece?

Quem sabe melhor do que eu, o seu autor, vêr as ironias subtis, as imagens maravilhosas, as opulentas gamas do estio, o brilhantismo do entrecho, toda a fabrica soberba da concepção e da forma? Se eu penso que a obra é



boa e não o digo, sou um timido, um hipocrita. Se penso que o não é, por que a publiquei?

«Depois ainda se eu digo que ela é boa e é, estou dentro do ambito da critica justa. Se digo que ela é boa e não é, estou ainda dentro da equidade que faz com que, defendendo-a, seja a mim mesmo que defeado. V. publica

EM FOCO

O Fernandes, fotografo



Quem é que não conhece o nosso amigo O Fernandes, fotografo ao Lorré'o, O artista de mais nome e o mais faceto Já no tempo moderno já no antigo?

Pois que é, mal comparado, como o trigo Sem parcela de joio nem graveito, Passa á posteridade n'um sonetto, De braço dado, a bem dizer, ccomigo.

Creiam que é muito propria a ccompanhia Porque ambos trabalhamos em retratos, Um aproveita a luz, outro a poesia.

E até como eu os faço caricatos; De aleijada e torcida anatomia. Os meus são muitas vezes mais exatos...

BEILMIRO.

uma obra: dá a a um amigo para dizer de ela. Vai a ver e não fica satisfeito. Ou saiu um elogio desproporc'onado, humilde, saloto, ou então vem cheio de passagens que v. desejaria nunca tivessem saído do tinteiro. E é sempre contundente o elogio feito pelos outros. Não tenha d'vidas. Diga v. bem de si proprio, que faz a sua obrigação. Os out-os dizem mal, tazem a de eles. De resto, se v. disser bem e os outros acharem bem, certo está.»

De primeirissima.

Entrevista com um burro

A suspensão dos comboios como consequencia da greve dos ferro-viarios, impoz-nos a obrigação de procurar quem fosse ente idador de velocidades e transportes, pelo que o nosso melhor reporter—o Manecas—se dirigiu a Cacicilha e aí entrevistou um dos gericos mais lucidos que fazem as carreiras intermitentes entre aquela povoação e as vizinhas.

Manecas montou-o, e, aproveitando a occasião para, ao mesmo tempo que cumpria a sua missão jornalística, ir espaiar em passeio até á Cova da Piedade, foi-o interpellando pelo caminho.

—Então que me diz o sr. gerico a isto dos comboios estarem parados?

Sua ex.^a zurrou, mansamente:

—Digo que é muito bem feito, para abater o orgulho do homem. Para que demonio quer o homem andar depressa?

—E' boa! para encurtar caminho.

—E' tolo. Você, seu Manecas, montado na minha albarda e ao meu chouto

compassado não vae admirando a paisagem?

—Isso vou.

—E se fosse de comboio? N'um minuto estava na Cova da Piedade. Tinha tempo para admirar o caminho?

—Não tinha, pense bem.

—E sobre mim tem os perrigos d'um d'scarrilamento?

—Vossa ex.^a pode tropeçar e cair.

—Fica o meu amigo quite com um simples galo; enquanto que: n'um descarrilamento...

Confessamos que o Manecas não teve que responder. Mas daí a minutos acrescentou:



—E os correios? de burro, uma carta de Lisboa para o Porto levaria um mez.

—E depois? de duas uma: tou a carta continha uma boa noticia ou uma noticia má. Sendo má, quanto mais tarde chegasse, melhor; sendo boa, mais alegraria pela demora, por já não ser esperada...

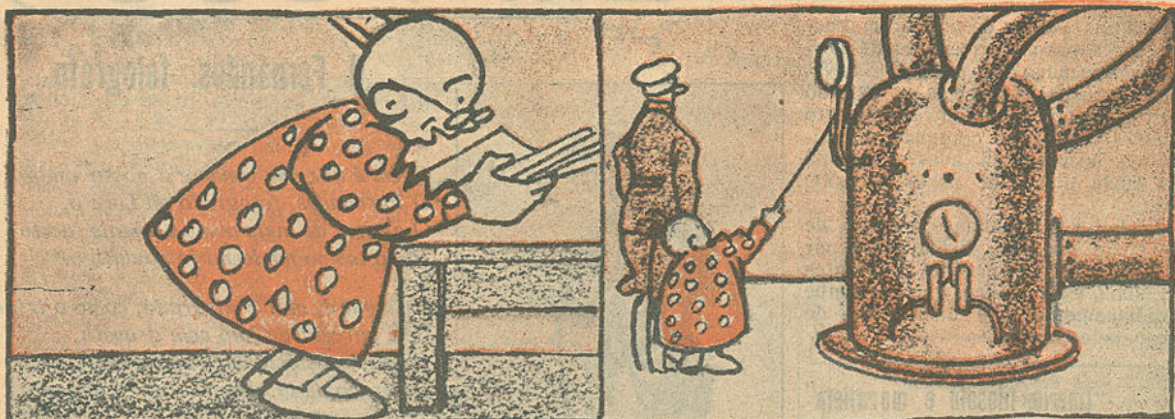
Não se limitou a isto o dialogo entre o nosso reporter e o sabio gerico, mas a falta de espaço não nos permite reproduzir mais e o que aí fica é o suficiente para mostrar que ha burutos que raciocinam melhor do que muita gente.

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

25.^a Parte1.^o Episodio

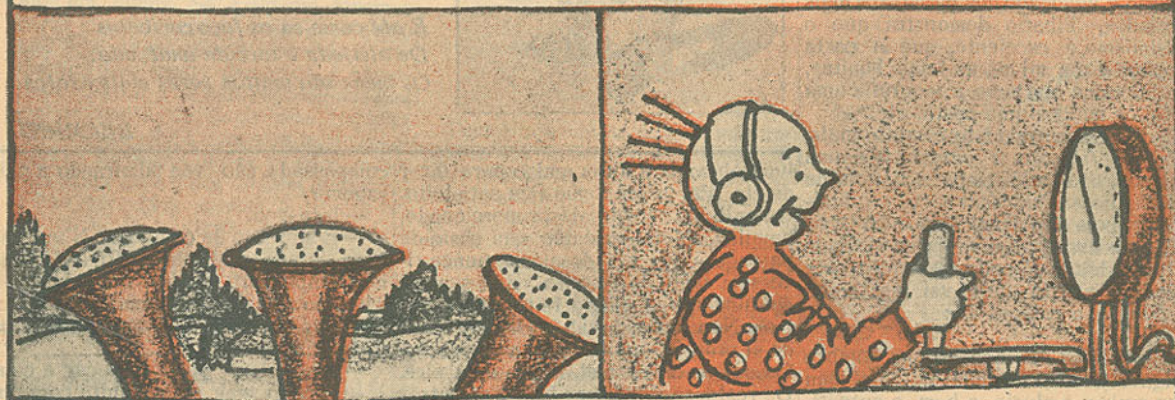
CHUMBADOS!

(Continuação).



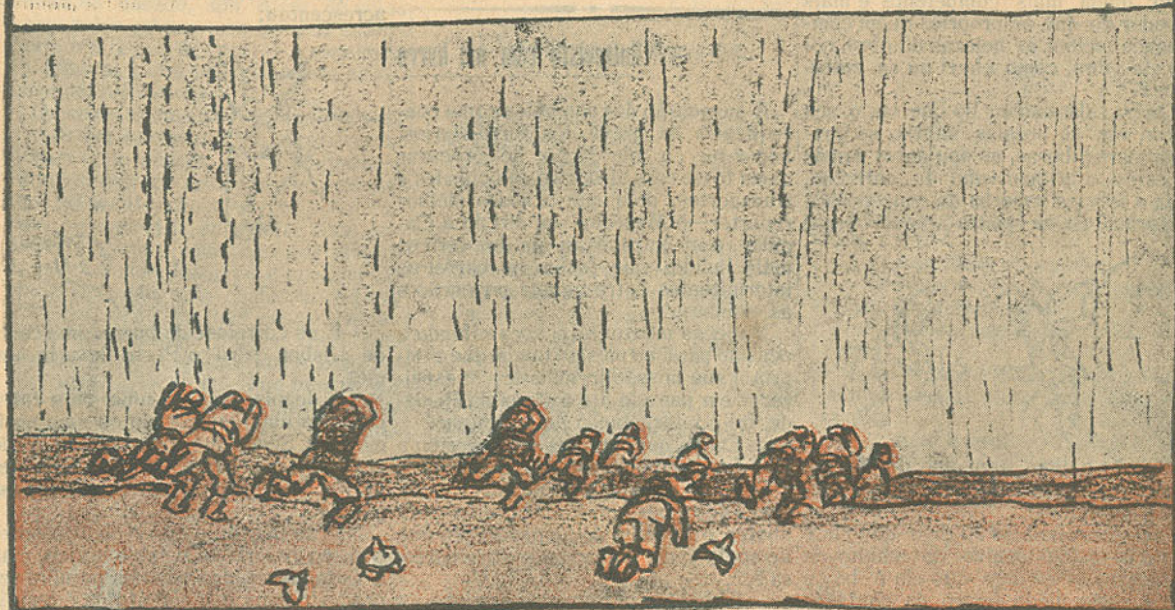
1.—Como a investida dos alemães continue, Manecas inventa a toda a pressa um aparelho para os fazer recuar.

2.—Apresenta o seu invento ao estado-maior inglês. É um aparelho contendo chumbo derretido a alta temperatura, o qual sob certa pressão é lançado ao ar.



3.—Eis o aparelho pronto a funcionar, com os seus crivos preparados.

4.—Os alemães avançam e Manecas dá a manivela com o maior sangue-frio.



5.—Logo um dilúvio de chumbo, a 250 graus, cae sobre os alemães. E aí está o motivo por que a ofensiva se deteve.

(Continua)